

Professor ensina técnica de uso de conjunções para convencer o Júri



Os advogados criminalistas americanos — e possivelmente

seus colegas pelo mundo — concordam que, ao encerrar sua palavra no tribunal do Júri, pode ser uma boa ideia mencionar aos jurados um ou outro ponto fraco de sua defesa, que tenha ficado óbvio durante o julgamento. Segundo eles, se não o fizerem, vão perder credibilidade, o que pode comprometer o caso. Nessas situações, o uso de conjunções adversativas durante o discurso pode ser a chave de uma sustentação oral eficaz.

O advogado e professor de Direito Elliott Wilcox, que se declara "apaixonado" pelo tribunal do Júri — a ponto de, às vezes, ir julgamentos apenas para assistir —, afirma que há uma técnica para fazer isso: "Comece forte, comente sobre o ponto fraco da defesa no meio e termine forte". A receita, diz, ele já ensinou em faculdades de Direito.

"A atuação do advogado no tribunal do Júri é uma arte, não uma ciência exata", diz Wilcox.

"Diferentemente da Matemática ou da Ciência, em que apenas uma resposta correta é esperada, a arte pode produzir resultados completamente diferentes sobre o mesmo assunto. Que o digam Picasso e Dalí, que usaram telas, tintas, paletas e pincéis para retratar a forma humana, mas produziram obras bem diferentes", lembra o advogado. Para ele, cada advogado deve desenvolver sua arte e seu estilo, levando em conta que não existe um padrão internacional para a melhor sustentação oral.

Há boas ideias. Uma delas é fazer as conjunções adversativas — "mas", "porém", "contudo", "todavia", "no entanto", "entretanto" — trabalhem em favor do advogado. Um "mas" depois de uma declaração boa pode ter efeitos devastadores. Vale a comparação com um jantar em que a namorada espera do namorado o pedido de noivado: "Você é a pessoa mais maravilhosa do mundo, 'mas'", diria ele, para logo em seguida trazer a notícia ruim. Em outra situação, se a conversa começar assim: "Você não presta, 'mas'", aí vem notícia boa. Em qualquer das formas, o que vem depois da conjunção adversativa é o que vai ficar na cabeça da pessoa que a ouviu, por muito tempo.

No tribunal do Júri, um "mas" como prenúncio de más notícias praticamente anula o anúncio que acabou de ser feito sobre um ponto forte da acusação ou da defesa, na cabeça dos jurados. Assim, o professor Wilcox sugere que se abra o discurso com o ponto fraco e que, logo em seguida, seja desferido um "mas" bem pronunciado em cima dele, para apagá-lo — de preferência, teatralmente expresso, para abrir

a mente do jurado.

Outras conjunções adversativas podem ser aproveitadas no percurso, quando se aproxima a vez do argumento mais forte, que pode ser comparado com um ponto fraco da outra parte. "A acusação (ou a defesa) tentou mostrar que..., 'mas'", seria um exemplo.

Segundo Wilcox, uma conjunção adversativa tem um efeito mais ou menos nesse sentido: "Coloque de lado o que acabei de lhe dizer e considere isso (novo argumento)". A reação, ele afirma, está na natureza humana. Quando a pessoa ouve um 'mas', um 'porém' ou qualquer construção gramatical do gênero, a tendência é esquecer a primeira sentença e se fixar no que vem a seguir.

"No entanto", essa pode ser uma técnica ruim nas alegações iniciais, diz o professor. A esse ponto, os jurados não sabem nada — ou quase nada — sobre o caso. É o advogado não quer ser o primeiro a introduzir em suas mentes lados ruins do caso ou de seu cliente. Ao contrário, ele quer exercer e maximizar uma forte imagem favorável a seu cliente.

Ao final do julgamento, ele explica, quando todas as testemunhas já foram ouvidas e todas as provas foram apresentadas, é hora de jogar com as palavras, para transformá-las em armas a seu favor. É preciso lembrar, "porém", que cada caso é um caso. "Não existe bala mágica" para finalizar um julgamento, diz o professor. É preciso ter em conta, apenas, que cada "mas", "porém", "contudo", "todavia", "no entanto" e "entretanto" muda o curso do discurso. Melhor que seja a favor.

Date Created

14/07/2012